

**Amanda Dias Gama**

**Na interface psicanálise e cultura: a vigorexia em praticantes de fisiculturismo como uma  
das expressões do mal-estar atual**

**Uberlândia  
2021**

**Amanda Dias Gama**

**Na interface psicanálise e cultura: a vigorexia em praticantes de fisiculturismo como uma das expressões do mal-estar atual**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia de Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucianne Sant’Anna de Menezes

**Uberlândia**

**2021**

**Amanda Dias Gama**

**Nas interfaces da psicanálise com o fisiculturismo e a vigorexia: expressões do mal-estar atual**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia de Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lucianne Sant'Anna de Menezes

**Banca Examinadora**

**Uberlândia, XX de XX de 2021**

---

**Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes**

**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Profa. Dra. Anamaria Silva Neves**

**Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG**

---

**Esp. Débora Alves Duarte**

**Centro Universitário do Triângulo Mineiro – Uberlândia, MG**

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Lucianne Menezes pelas orientações impecáveis, sempre demonstrando profundo apreço e zelo pela docência, não tenho dúvidas que teve marcas essenciais durante toda a minha graduação.

À toda minha família, em especial aos meus pais, que nunca mediram esforços para me propiciarem uma educação de qualidade e por todo apoio em minhas escolhas.

Aos meus amigos que dividiram comigo essa trajetória sempre com muita alegria.

À todos os meus professores da graduação que fazem parte da profissional que em breve me tornarei. Agradeço ao ensino de excelência e pelas valiosas reflexões e construções.

À todos os atletas fisiculturistas que dialogaram comigo informalmente e que me instigaram a realizar esta pesquisa, em especial ao atleta Aurélio Freitas.

À todos os funcionários e técnicos da Universidade Federal de Uberlândia.

## RESUMO

Gama, A. D. (2021) *Na interface psicanálise e cultura: a vigorexia em praticantes de fisiculturismo como uma das expressões do mal-estar atual* (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Esta pesquisa tem o objetivo geral de investigar como referenciais psicanalíticos podem colaborar na compreensão da vigorexia nos praticantes de fisiculturismo. O objetivo específico é articular a vigorexia às formas de mal-estar contemporâneo. Procuramos estabelecer um diálogo na interface psicanálise e cultura, portanto, na dimensão de extensão do método psicanalítico, proposta por Freud como psicanálise aplicada, a partir de levantamento bibliográfico, documentários, entrevistas e postagens de atletas em grupo público no Facebook. A análise do material obtido demonstrou que a vigorexia ganha força em uma sociedade que estimula o individualismo e formas de subjetivação narcísicas que incentivam a “glorificação do eu” e a “estetização da existência”, nos dizeres de Joel Birman. Neste cenário, os fisiculturistas são sujeitos com condições de possibilidade de desenvolver vigorexia, já que a avaliação do desempenho deste esporte se restringe a estética corporal e a performance visual no palco durante as apresentações, visando sempre o corpo ideal, perfeito, mas que nunca é atingido. A hipótese desenvolvida é que a vigorexia poderia ser considerada uma psicopatologia contemporânea, uma forma de sofrimento psíquico que expressa na sua sintomatologia a complexidade dos modos de subjetivação emergentes. Portanto, seria uma das expressões do mal-estar contemporâneo marcado nos registros do corpo e da ação, enquanto a linguagem fica empobrecida; e, na medida em que os corpos desses sujeitos buscam atender ao ideal de beleza da atualidade, a vigorexia acaba não sendo percebida como um sintoma pelos fisiculturistas, mas como um estilo de vida que muitos valorizam e almejam.

**Palavras-chave:** Psicanálise extensa. Fisiculturismo. Vigorexia. Mal-estar. Psicopatologias atuais.

## **ABSTRACT**

Gama, A. D. (2021) At the psychoanalysis and culture interface: muscular dystrophy in bodybuilding practitioners as one of the expressions of current psychopathologies (Work of Conclusion of Course). Institute of Psychology, Federal University of Uberlândia, Uberlândia, MG, Brazil.

This research has the general objective of investigating how psychoanalytic references can contribute to the understanding of muscular dystrophy in bodybuilding practitioners. The specific objective is to articulate muscular dystrophy with forms of contemporary malaise. We seek to establish a dialogue in the psychoanalysis and culture interface, therefore, in the extension of the psychoanalytic method, proposed by Freud as applied psychoanalysis, based on a bibliographic survey, documentaries, insertions, and posts by athletes in a public group on Facebook. The analysis of the above-regulated material that muscular dystrophy gains strength in a society that encourages individualism and narcissistic forms of subjectivation that encourage the “glorification of the self” and the “aestheticization of existence”, in the words of Joel Birman. In this scenario, bodybuilders are subject to the conditions of possibility of developing muscular dystrophy, since the assessment of sports performance is restricted to body aesthetics and visual performance on stage during how, coach always the ideal, perfect body, but which is never high. The hypothesis considered is that muscular dystrophy could be considered contemporary psychopathology, a form of psychic suffering that expresses in its symptomatology the complexity of the emerging modes of subjectivation. Therefore, it would be one of the expressions of the daily malaise marked in the body and action registers, while language is impoverished; and, as subject bodies seek to meet the ideal of beauty of today, muscular dystrophy ends up not being perceived as a symptom by bodybuilders, but as a lifestyle that many values and crave.

Keywords: Extensive Psychoanalysis. Bodybuilding. Muscular Dystrophy. Discontent. Current Psychopathologies.

## Sumário

|   |                                                                                          |    |
|---|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
|   | Considerações iniciais .....                                                             | 01 |
| 1 | Um recorte sobre a história do fisiculturismo .....                                      | 05 |
| 2 | Uma breve contextualização sobre a vigorexia .....                                       | 10 |
| 3 | Vigorexia, fisiculturismo e o mal-estar na atualidade .....                              | 15 |
|   | 3.1 Mal-estar na cultura, gestão do desamparo e sofrimento humano.....                   | 15 |
|   | 3.2 Vigorexia: uma psicopatologia contemporânea?.....                                    | 18 |
|   | 3.3 Ideais, identificações e laços sociais: Subjetividades emergentes e a vigorexia..... | 21 |
|   | Considerações finais .....                                                               | 32 |
|   | Referências .....                                                                        | 35 |

## **Considerações Iniciais**

Durante o meu percurso no curso de Psicologia sempre me percebi reflexiva sobre os assuntos que me rodeavam. As discussões realizadas em sala de aula sempre reverberavam por muito tempo em mim e, desta forma, eu me via cheia de questões e hipóteses. Aos poucos a psicanálise foi fazendo parte das minhas interpretações e moldando meu olhar subjetivo não somente para interpretações clínicas, mas, também, para fenômenos que estavam além do particular do sujeito.

Perceber que nem tudo é tão claro e simples como é posto me impulsiona a querer ir além. E, desta forma, aos poucos fui entendendo que ouvir é diferente de escutar. Assim, meu desejo em querer ouvir mais do que não é falado foi crescendo. E foi desta forma que percebi meu encontro com a Psicanálise.

Ao mesmo tempo que a Psicanálise me permitia tecer reflexões sobre o que há de singular no sujeito, eu também via nessa ciência a possibilidade de compreender a cultura e, principalmente, o que ela nos causa. Entender que sintoma é uma forma de estar no mundo, que existe um mal-estar que nos causa que é inerente a nossa existência e que cada um constrói saídas para lidar com o sofrimento me instiga a querer compreender, com mais clareza, as repetições e modos de funcionamento único de cada sujeito, ainda que postos em situações semelhantes.

Acredito que a psicanálise foi ocupando um grande espaço em minha vida. E, por esse motivo, estar em contato com o outro e com novas histórias começaram a me atravessar de maneiras diferentes. Um ano antes de procurar orientação para Trabalho de Conclusão de Curso comecei a ser acompanhada por um educador físico, que, por sua vez, também é fisiculturista.

Para mim, desde sempre, estar com o outro sempre foi uma nova oportunidade de fazer vínculo. E, por isso, ainda que naquele momento a relação estivesse posta como profissional, a convivência e o meu jeito de estar com o outro, me permitiu estar para além de apenas receber

um serviço. Dessa forma, eu e meu educador físico começamos a estabelecer uma relação mais pessoalizada e compartilhar histórias e vivências.

Com isso, entrei em contato com o mundo do fisiculturismo e, principalmente, a rotina desses atletas. Inúmeras vezes ouvi relatos sobre as semelhanças nas histórias de vida desses atletas, os sacrifícios para competir, os altos investimentos financeiros, as abdições para manter o foco e a rotina, os protocolos de recursos ergogênicos, o sofrimento; mas, ao mesmo tempo, de como tudo isso era recompensado ao pisar no palco.

Ademais, para além do que era contado, percebia alterações no humor. Essas mudanças se intensificavam nas vésperas das competições e era nítido. Além das variações de humor, também era evidente a rapidez com que o corpo se transformava. O corpo sofria transformações abruptas em um intervalo de tempo muito curto. Eu me espantava com tantas mudanças em poucos dias. Questionava sobre as mudanças tão rápidas e significativas e as explicações sempre vinham de extremos: ou muita comida, ou muita restrição alimentar.

Aos poucos fui compreendendo com mais detalhes a rotina desses atletas e, cada vez mais, ficando instigada em entender os porquês! *Por que eles investem tanto tempo, dinheiro e abdicam de tantas coisas sem receberem retorno financeiro? Por que eles sabem de todos os malefícios da rotina e mesmo assim repetem sempre? Por que nunca estão satisfeitos com o corpo atual?*

Assim que firmei meu interesse em pesquisar sobre fisiculturismo, minha orientadora me solicitou um breve e despretensioso levantamento bibliográfico. Dessa maneira, conseguiria me apropriar mais do tema e, pouco a pouco, amadurecer minhas ideias. Com isso, iniciei a pesquisa e todos os artigos científicos que encontrei abordando o fisiculturismo estavam vinculados com a dismorfia muscular ou vigorexia.

Durante esse processo, notei que ainda é um público pouco pesquisado, bem como são restritas as investigações sobre vigorexia. Contudo, ao mesmo tempo, percebi também a

urgência e necessidade de aprofundar os estudos em um tema que é contemporâneo e se torna cada vez mais presente na sociedade. Nesse sentido, a proposta geral deste trabalho é compreender as relações entre fisiculturismo e vigorexia. Nossa hipótese é que a vigorexia poderia ser considerada uma psicopatologia contemporânea, uma forma de sofrimento psíquico que expressa na sua sintomatologia a complexidade dos modos de subjetivação emergentes. *Quais seriam as condições de possibilidade que a cultura contemporânea engendra para o surgimento da vigorexia?*

Levando em conta estes questionamentos, o objetivo geral é investigar como referências psicanalíticas podem colaborar na compreensão da vigorexia nos praticantes de fisiculturismo e, em consequência disso, o objetivo específico é procurar articular a vigorexia às formas de mal-estar contemporâneo.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa psicanalítica (Freud, 1923a, Rosa, 2004), na interface da Psicanálise com a cultura. Dessa forma, os temas abordados serão discutidos na dimensão de extensão do método psicanalítico, proposta por Freud (1917, 1926, 1926a), como psicanálise aplicada. Para tanto, Freud apresenta que a teoria psicanalítica não se resume à prática terapêutica e tampouco à psicologia que trata apenas do sujeito, tendo em vista que em toda manifestação humana há expressões do inconsciente, e partindo dessa concepção, sua investigação não se restringe ao espaço do tratamento psicanalítico, indo para fora do consultório, em especial, na direção da cultura (Laplanche, 1992; Rosa e Domingues, 2010; Herrmann, 2005). Nesse sentido, a ciência da Psicanálise pode ser extensiva à diversos âmbitos como, por exemplo: a cultura, como trabalharemos nestes escritos; à literatura; à arte; dentre outras áreas do conhecimento.

Ademais, é importante ressaltar que este estudo reconhece que psicanálise e psiquiatria estão postas em campos teórico-metodológicos distintos. Desta forma, ao utilizar a denominação “vigorexia” não se tem como objetivo realizar qualquer tipo de oposição ao

biológico, mas apenas utilizar o termo como suplência para tratar de um fenômeno contemporâneo.

O material selecionado para este estudo será submetido à análise de conteúdo, orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito (Iribarry, 2003). Para tanto, serão utilizados textos de Freud que abordam o objeto de estudo recortado para investigação e estes recortes conceituais serão colocados em interlocução com comentadores contemporâneos que tratam do fenômeno pesquisado. Todo o material será remetido aos objetivos da pesquisa, visando às considerações finais.

Para levar a cabo esta proposta foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dado Pepsic, Scielo, Lilacs (BVS), PsycINFO e Google Acadêmico. Além disso, foram verificados os repositórios da Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio De Janeiro (UFRJ). Foram utilizados os seguintes descritores combinados de diferentes maneiras: psicanálise, vigorexia, dismorfia muscular, bodybuilder, musculação e fisiculturismo. Foram encontrados 9 artigos, 2 Teses e 2 Dissertações, porém apenas 3 artigos científicos e uma dissertação atenderam aos critérios de inclusão: abordar vigorexia ou fisiculturismo, sob o ponto de vista da psicanálise.

Os três artigos selecionados para o estudo foram: *Da academia para o divã: reflexões sobre o narcisismo* de Wiczorek (2016), *Um olhar psicanalítico sobre a vigorexia* de Feitosa Filho (2014) e *Intepretação da vigorexia à luz da psicanálise* de Souza (2014). E a Dissertação: *Vigorexia: uma leitura psicanalítica* de Feitosa Filho (2008).

Como ilustração serão utilizados: 1 documentário produzido pelas alunas de jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, Franciane Perachi, Gabriela Fiorio e Liliane Fernandes, intitulado “Documentário Fisiculturismo”, do ano de 2018, disponível na plataforma Youtube; entrevistas com a atleta fisiculturista Angela Borges, do ano de 2018, disponível na mesma plataforma; e, relatos da comunidade Bodybuilding & Fitness Brasil, acesso disponível pela rede social Facebook.

Para operacionalizar esta proposta, a monografia foi dividida em 3 partes: a primeira parte trata da história do fisiculturismo, suas influências no Brasil e sua estruturação enquanto esporte; a segunda aborda a vigorexia como diagnóstico e sofrimento; e, por fim, a terceira parte busca articular fisiculturismo, vigorexia e psicanálise, abordando conceitos importantes como o narcisismo e os ideais, criando subsídios para discussão na articulação com o mal-estar.

Convidamos o leitor a nos acompanhar nos estudos e construção de saberes acerca de temas tão recentes e pouco explorados.

## **1. Um recorte sobre a história do fisiculturismo**

De acordo com o dicionário Online de Português (2020), *fisiculturismo* significa um tipo de musculação que tem o objetivo de desenvolver os músculos, especialmente, no quesito de volume, visando melhorar a estética corporal. O termo é formado pela junção das palavras *physios*, de origem grega, que diz respeito à caráter, formação, produção e natureza, e *cultura*, que vem do latim, e refere-se ao ato de tratar, cuidar e desenvolver. Entretanto, é possível pensar que fisiculturismo está para além da definição etimológica da palavra, abrangendo questões ligadas a cultura, esporte, história e impactos na sociedade.

Nessa seção serão utilizados os estudos de Schwarzenegger (2002) acerca do surgimento e história do fisiculturismo. De acordo com o autor, no final do século XIX, houve uma quebra nos padrões de beleza e um retorno ao ideal grego, o que levou a moldar e

desenvolver um corpo musculoso esculpido e milimetricamente construído e que remete à perfeição, com curvas marcadas, assim como às estátuas gregas. Este aspecto foi primordial para a popularização do fisiculturismo, pois, antes mesmo de ser uma modalidade esportiva, já se enaltecia o padrão corporal que os atletas de fisiculturismo possuem.

De acordo com Medeiros (2011), a sociedade grega viveu uma incessante admiração pelo belo e, por meio de obras de arte, manifestou seu ideal de perfeição. Diferentemente das outras culturas, as obras produzidas pelos gregos não possuíam cunho utilitário, o que os permitiam maior liberdade em suas produções como meio de expressão de seus ideais. Dessa forma, os gregos podiam colocar em obras de arte significações da sociedade da época.

Os gregos valorizavam a simetria, preocupando-se, inclusive que houvesse uma divisão exata de peso entre as duas pernas da estátua. A escultura foi, portanto, uma das mais relevantes expressões artísticas da cultura grega, embutindo regularidade e regras. Este modelo de ideal de corpo foi extremamente expressivo, a ponto de influenciar a arte romana e de outros povos do período antigo e moderno. Além disso, tornou-se uma forte referência nos dias de hoje para toda a cultura do ocidente. O padrão de beleza estava associado a regras e regularidades, que proporcionavam ao autor da obra valorizar, na escultura, elementos que sugerissem força e energia (Medeiros, 2011).

Além da admiração por corpos simétricos, houve uma evolução na antiga tradição de levantar pedras nas competições de levantamento de peso. Assim, com o desenvolvimento do esporte, os corpos ganhavam contornos mais definidos e, como esta modalidade já era comum em diversas localidades, o padrão estético do corpo mais musculoso e definido ganha força.

Na Europa, o levantamento de peso era visto como uma forma de entretenimento promovido por homens fortes profissionais: homens que ganhavam a vida de acordo com a quantidade de peso que conseguiam levantar. Neste esporte em específico, a aparência física ainda não importava para os atletas tampouco para o público. Contudo, mesmo que não

houvesse a intenção, estes atletas acabavam por adquirir corpos definidos e musculosos, resultando no fortalecimento do novo ideal de corpo que estava surgindo. Soma-se a isso, que enfatizavam a importância de consumir alimentos não processados, tendo em vista que a industrialização proporcionava, gradativamente, alimentos refinados e processados cada vez mais distantes dos alimentos naturais. Neste contexto, surgem também os automóveis.

Nesta mesma conjuntura histórica de industrialização e modernização, os americanos se mudaram das cidades pequenas e das fazendas para as grandes cidades e, paulatinamente, adquiriram um estilo de vida sedentário. Dessa forma, a população começou a manifestar problemas de saúde em decorrência da alimentação extremamente industrializada e da falta de exercícios físicos. Percebendo os malefícios do novo estilo de vida, os hábitos dos atletas passaram a ser valorizados na América.

É, justamente nesse cenário, que surgem os fisiculturistas, ainda que não reconhecidos com essa denominação. Tais atletas começam a pontuar a necessidade de atividades físicas regulares e uma alimentação balanceada. Para tanto, o modelo de corpo que passava a vigorar era semelhante aos corpos enaltecidos na antiga Grécia: corpos que remetessem a virilidade e que incumbisse um ideal de movimento.

A primeira estrela desse modelo de corpo, musculoso e definido, foi Eugen Sandow, campeão em Londres, considerado um ícone da cultura física na virada do século XX. Sandow era visto como um homem forte profissional e o que, realmente o diferenciou dos demais atletas, foi a qualidade estética do seu corpo físico considerado de alta simetria. Era um homem exibicionista e se sentia bem enquanto outras pessoas olhavam e admiravam seu corpo. Ele costumava caminhar dentro de uma caixa de vidro e fazer poses, vestindo, unicamente, uma folha de figo.

Com a imensa popularidade de Sandow, as vendas de barras e halteres cresceram imensamente. Ele criou uma indústria voltada à produção de livros e revistas, bem como

começou a promover competições, em que as medidas físicas dos competidores eram comparadas e o vencedor era premiado com uma estátua de Eugen banhada a ouro.

Posteriormente, nos anos 1920 e 1930 tornou-se evidente que o desenvolvimento físico muscular estava atrelado com o treinamento de peso. É nesse período que começa a surgir a ideia de que não apenas a capacidade de um atleta fazer força ou demonstrar habilidades importa, mas, também, sua estética corporal. Entretanto, ainda não era o momento em que os atletas seriam avaliados, exclusivamente, por sua composição corporal estética. Nos anos 30 desconfiava-se de atletas que desenvolviam seus corpos em academias e não na prática de esportes variados. Nesse período, portanto, ainda havia uma discussão em torno de se considerar ou não os levantadores de peso como verdadeiros atletas.

Foi apenas em 1939 que algumas mudanças aconteceram. A Amateur Athletic Union – AUU (União de Atletas Amadores) fundou uma competição de Mister América em Chicago, no dia 4 de Julho. Os participantes ainda não eram fisiculturistas experientes, mas provinham de diversas formações atléticas e se apresentaram usando vestimentas variadas: desde calções de pugilista até sungas. A AUU organizou o primeiro evento moderno de fisiculturismo. O Mister América de 1940 e de 1941 teve como vencedor John Grimek. Esse atleta treinou exclusivamente, levantando pesos em uma academia. Com isso, todos os demais atletas competidores passaram a seguir o mesmo protocolo de treino. Além dos treinamentos de força que propiciavam um padrão estético musculoso e bem definido, os competidores também faziam exhibições de poses demonstrando flexibilidade e coordenação.

Já em 1945, a distinção entre levantar pesos puramente pela força e treinar com pesos em academias para dar forma e proporção ao corpo fica claramente delimitada. Neste momento, o corpo dos fisiculturistas fica conhecido como único e se destaca dos corpos dos demais atletas. Todavia, ainda assim, o fisiculturismo continuava sendo visto como um esporte obscuro.

O esporte passou a ser mais reconhecido quando o campeão Steve Reeves fez filmes e tornou-se extremamente popular. O mesmo atuou em *Hércules*; *Morgan, o Pirata* e *O Ladão de Bagdá*, o que expandiu o reconhecimento mundial para o esporte. Posteriormente, em 1970 o livro e o filme *Pumping Iron* fizeram com que o fisiculturismo se popularizasse ainda mais. Foi a primeira vez que o público leigo teve acesso ao esporte e em como era a rotina dos fisiculturistas. Com isso, houve um marco explosivo do fisiculturismo e uma expansão para outras localidades nas duas próximas décadas.

Além disso, no final de 1970, o fisiculturismo começa a aparecer também para as mulheres. O marco que insere as mulheres nesse esporte foi a competição “A melhor do mundo”. Em 1980, o National Physique Committee (Comitê Nacional de Físico) organizou os primeiros campeonatos femininos oficiais tanto para amadores quanto para profissionais. A primeira fisiculturista que ganhou destaque foi Lisa Lyon, responsável por inventar a combinação de exibição dos músculos e os movimentos rítmicos que acontecem durante as apresentações, até hoje.

Os anos 80 promoveram um crescimento explosivo do fisiculturismo para além do efeito competitivo, com influências na sociedade atual no que se diz respeito ao padrão estético e estilo de vida. O impacto do fisiculturismo ficou ainda mais evidente quando a mídia dava ênfase em veicular apenas corpos musculosos e a promover este ideal de corpo.

Na literatura pesquisada não foi possível encontrar um momento ou situação específica para a chegada do fisiculturismo no Brasil. De acordo com Courtine (2005), o fisiculturismo surge no Brasil apenas com caráter amador. Os autores enfatizam fatores que marcam características próprias dos fisiculturistas: dieta rígida; abdicação de diversas atividades para priorizar os treinos e o descanso pós treino; a sobrecarga intensa durante os exercícios; a oscilação de humor em detrimento à rigidez da rotina e a constante modificação corporal. Neste contexto, entende-se que os atletas brasileiros não ingressam no esporte com o intuito de possuir

renda. Com isso surge uma das questões motivadoras desta pesquisa: *por qual motivo esses atletas investem tanta dedicação e dinheiro em um esporte que não irá promover qualquer tipo de ganho financeiro e traz tantas restrições?*

Atualmente, no Brasil, as maiores competições de fisiculturismo são realizadas pela Federação Brasileira de Musculação NABBA Brasil (*National Amateur Body building Association*), que possui uma filial em 13 estados brasileiros. Assim, as competições são executadas em cada um dos 13 estados brasileiros onde existe uma filial NABBA Brasil. Em seguida, há uma competição à nível regional. Em sequência, segue o Campeonato Brasileiro e deste, os vencedores seguem para a competição Sul Americana e, por fim, o Mundial.

## **2. Uma breve contextualização sobre a vigorexia**

Nesta seção, será feita uma contextualização acerca da construção do diagnóstico de “Vigorexia”, também conhecido como “Dismorfia Muscular”. Por se tratar de campos teóricos metodológicos distintos, o termo “vigorexia” será utilizado como suplência para falar de um fenômeno novo, um sintoma, sem realizar qualquer tipo de oposição ao biológico.

Em 1993, o psiquiatra Harrison Pope analisou uma amostra de 108 fisiculturistas. Assim, encontrou repetições de algumas características em comum e as denominou como Anorexia Nervosa Reversa. Nesta amostra, foram identificados nove indivíduos (8,3%) que se classificavam como extremamente fracos e pequenos, sendo que, na realidade, eram demasiadamente fortes e musculosos. Além disso, todos relatavam uso de anabolizantes e dois tinham história anterior de anorexia nervosa. Pope realizou uma revisão de seus estudos e publicou um artigo posterior sobre o assunto, havendo uma renomeação do quadro anteriormente apresentado (Feitosa Filho, 2008).

Ao contrário dos TDCs comuns, nos quais a preocupação primordial é com áreas específicas, a Dismorfia Muscular envolve uma preocupação de não ser forte e musculoso o bastante. Ademais, os sujeitos que possuem essa patologia apresentam limitação de atividades rotineiras, dedicando muito tempo ao treinamento de força e dietas para hipertrofia (Assunção, 2002).

Nos anos 2000, Pope publicou um novo estudo apontando diferenças entre “Dismorfia Muscular” e “Transtorno Dismórfico Corporal”, tendo em vista que a “Dismorfia Muscular” (ou “Vigorexia”) não se trata apenas de uma preocupação excessiva com a aparência, mas aborda também uma adicção ao exercício decorrente de uma preocupação exagerada com a musculatura (Feitosa Filho, 2008).

No DSM-IV não houve publicação do diagnóstico de Dismorfia Muscular, apenas Transtorno Dismórfico Corporal. Por ser um fenômeno recente, até o CID-10 ou DSM-IV não houve critérios para classificação do mesmo. Não foi encontrada literatura mencionando o DSM-V, entretanto, quando observado este manual, é possível localizar no Transtorno Dismórfico Corporal uma especificação de Dismorfia Muscular. Portanto, até 1994, na quarta edição do DSM, não era possível encontrar Dismorfia Muscular. Foi apenas em 2013, com a quinta edição do DSM, que surge uma especificação para Dismorfia Muscular, também conhecida como Vigorexia. Soma-se a isso, que o CID-11 não possui informações sobre este novo fenômeno.

No diagnóstico de Transtorno Dismórfico Corporal tratando-se da Dismorfia Muscular, é mencionado que os pacientes apresentam preocupação excessiva com a estrutura corporal, que pode ser muito pequena ou insuficientemente musculosa (DSM-5, 2014). O DSM-V classifica como critérios diagnósticos:

1. Preocupação com um ou mais defeitos ou falhas percebidas na aparência física que não são observáveis ou que parecem leves para os outros.

2. Em algum momento durante o curso do transtorno, o indivíduo executou comportamentos repetitivos (p. ex., verificar-se no espelho, arrumar-se excessivamente, beliscar a pele, buscar tranquilização) ou atos mentais (p. ex., comparando sua aparência com a de outros) em resposta às preocupações com a aparência.
3. A preocupação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
4. A preocupação com a aparência não é mais bem explicada por preocupações com a gordura ou o peso corporal em um indivíduo cujos sintomas satisfazem os critérios diagnósticos para um transtorno alimentar.”

(American Psychiatric Association, 2014, p. 242)

Grande parte dos indivíduos diagnosticados com dismorfia muscular realizam dietas, exercícios e possuem o hábito de levantar pesos excessivamente, podendo, inclusive, causar danos ao corpo, como por exemplo, lesões musculares. Além disso, é possível observar o uso de esteroides anabolizantes e demais substâncias para aumento de massa muscular. Grande parte dos sujeitos com este tipo de transtorno possuem ideias ou delírios de referência, imaginando que outras pessoas prestam especial atenção neles ou zombam deles em detrimento a sua aparência. Estes pacientes possuem altos níveis de ansiedade, ansiedade social, esquiva social, humor deprimido, neuroticismo e perfeccionismo, assim como baixa extroversão e baixa autoestima (DSM-5, 2014). A atleta Ângela Borges relata em uma entrevista que, em alguns momentos, teve uma imagem distorcida de si mesma quando já estava musculosa. *Por qual motivo esses sujeitos não chegam até a clínica, não buscam tratamento?*

Do ponto de vista da psicanálise, o sintoma possui um sentido que é desconhecido pelo sujeito, tendo em vista que o sentido está atrelado ao inconsciente, sendo o próprio fato de ser

inconsciente o motivo da existência do sintoma. Assim, o sintoma é concebido como resultado de um processo mental em que o conteúdo foi impedido de emergir na consciência. O sintoma é uma das formas de manifestação do inconsciente e uma maneira de compreender a relação do sujeito com o mundo exterior. Esta noção de sintoma é muito diferente da noção de sintoma da psiquiatria. É exatamente a concepção freudiana de sintoma que marca o rompimento com a clínica neurológica e psiquiátrica de sua época, assim como o nascimento da psicanálise no final do século XIX.

Para Freud (1916-1917), o sintoma é expressão de um *conflito*, um símbolo mnêmico ligado à linguagem do inconsciente, sendo assim, tem um sentido e não ocorre por acaso, de modo que ao relatar seu sofrimento, por meio do sintoma, o paciente expressa uma verdade sobre si mesmo, a qual ele mesmo desconhece.

A partir de 1920, com a teorização da pulsão de morte, Freud mostra que o *sintoma apresenta: um para além do princípio de prazer expresso num caráter de excesso*, numa porção de resto pulsional que não cessa de não se inscrever no circuito representativo, que pressiona o tempo todo exigindo satisfação, descarga, simbolização. Para se defender desse excesso pulsional que se caracteriza como uma situação de perigo, de inundação, de desabamento de todo psiquismo (expectativa da instalação de uma situação traumática: uma situação de desamparo), o sujeito faz o sintoma como uma operação de defesa, como uma satisfação substitutiva da satisfação pulsional impossível. Dessa maneira, o sintoma tenta cumprir uma função de homeostase no psiquismo, de equilíbrio. É a maneira que a pulsão encontra para se satisfazer. Entretanto, sinaliza que o sujeito está à mercê de impulsos que não pode dominar.

A concepção freudiana de sintoma aponta para a dimensão da subjetividade, na medida em que traz em si uma mensagem do conflito individual, familiar e social do sujeito, tendo em vista que a construção do psiquismo se dá no entrelaçamento da pulsão e da cultura (Freud,

1916-1917, 1921, 1926, 1930; Menezes, 2006). Será sob esse prisma que buscaremos um sentido para a vigorexia.

Freud também aponta que elementos que anteriormente causavam satisfação passam a causar resistências e sensações de repugnância. Neste sentido, o sintoma é um desvio do princípio de realidade e o retorno para o princípio de prazer, tendo em vista que o mundo exterior é colocado a favor do narcisismo, fazendo com que o sujeito diminua o investimento em objetos externos. Assim, o indivíduo se desprende dos objetos de amor e transpõe para o seu próprio sofrimento e mal-estar. Podemos compreender este fenômeno como uma espécie de retorno à primeira forma de narcisismo, aspecto evidente nos fisiculturistas e que pode ser ilustrado pela frase “*viver o próprio mundo*”, mencionada inúmeras vezes nos documentários assistidos.

Para Feitosa Filho (2008), não se deve atacar o sintoma, tendo em vista que isso significa atacar o sujeito. O sintoma para a psicanálise é operado na causalidade psíquica advinda da escuta do saber inconsciente, tendo em vista que representa um sentido em decorrência de um conflito psíquico expresso na formação de compromisso entre o desejo e as defesas. Nesse sentido, o sintoma é elaborado pelo sujeito em sua própria análise, e é, justamente isso, que caracteriza o “sintoma analítico”. O autor aponta que na vigorexia existe um gozo dos próprios sintomas. Como os sintomas ofertam substituições para se relacionarem com o mal-estar, a vigorexia não é vista como prejudicial. Esta situação se agrava no contexto da sociedade atual é marcadamente narcísica (Birman, 2020):

Vemos que os sintomas vigoréticos exprimem formas de gozo própria às exigências culturais hodiernas. Daí por que a dificuldade de os sujeitos reconhecê-las como sintomas, uma vez que o indivíduo que apresenta “sintomas” vigoréticos pode argumentar que não há mal nenhum em “ser vigorético” porque é isso que a sociedade exige como ideal de beleza e perfeição hoje, e isso é conseguido à custa

de esforços e sacrifícios que os fazem sentir vencedores. Assim, aquilo que os faz sofrer não pode ser considerado por eles enquanto sintoma, não passando pela criação dos médicos que tudo querem classificar. (Feitosa Filho, 2008, p.98)

Nesse sentido, pode-se pensar: *Quais os ideais sociais que geram condições de possibilidade para o surgimento dessa nova forma de mal-estar, de expressões do sofrimento humano, do padecimento psíquico?*

### **3. Vigorexia, fisiculturismo e o mal-estar na atualidade**

#### **3.1 Mal-estar na cultura, gestão do desamparo e sofrimento humano**

“O mal-estar na civilização” (1930) é considerado um texto que trata da posição e dos impasses do sujeito na cultura, portanto, dos impasses que a modernidade criou para o sujeito (Birman, 1997). Freud (1930) anuncia que a relação do sujeito com a cultura é marcada por um mal-estar, pois é permeada pelo conflito irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Tal conflito é “constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo a base dessa condição. Isso implica que as manifestações da subjetividade se dão em relação ao que Freud chamou de mal-estar na cultura” (Menezes, 2012, p.124). Não haveria mais uma terapêutica possível, mas uma espécie de ‘gestão do desamparo’ (Birman, 2020; Menezes, 2012a)

A noção metapsicológica de desamparo (*Hilflosigkeit*) trata-se de uma problemática que foi sendo desenvolvida ao longo da obra freudiana. Segundo Menezes (2010):

Esta noção implica uma dimensão de desamparo, independentemente de sua concreta efetivação numa situação traumática. Há desse modo, a condição de desamparo, fundante e estruturante do psiquismo, portanto, relacionada ao

funcionamento da vida psíquica, relativa à linguagem na sua dimensão simbólica (somos seres de fala); e a situação de desamparo, como concretização dessa condição instalada na situação traumática, relativa ao excesso pulsional que não pôde ser simbolizado. (p.113)

A autora mostra que a problemática do desamparo, no pensamento freudiano, tem dupla face: uma erótica e sexual (Freud, 1926), que se refere “a um lugar infantil e a sexualidade traumática vinda da mãe” (p.95), relativa ao desamparo originário, fundante e estruturante do psiquismo; e a face da falta de garantias de ser e existir (Freud, 1927, 1930) do sujeito “que é obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver em sociedade” (Menezes, 2010, p.96).

Dessa forma, o mal-estar está situado na dissonância entre as exigências da força pulsional e as possibilidades psíquicas de satisfação que são controladas pela simbolização, ou seja, a elaboração psíquica. Esse desequilíbrio é identificado pela contradição entre a continuidade da força pulsional e a descontinuidade dos símbolos. É nesse jogo assimétrico entre as ordens da continuidade pulsional e da descontinuidade simbólica que o indivíduo consegue produzir objetos que são capazes de propiciar a experiência de satisfação, além de ser a condição para angústia, tendo em vista que preconiza a condição de desamparo estrutural para o sujeito. O sujeito entende essa condição como algo intolerável, e desta forma, estabelece a relação de conflito eterno com a condição de desamparo, “que diz respeito à condição de finitude, de limite, da solidão, do imprevisível, do inominável do resto pulsional. Para viver, as pessoas criam possibilidades afetivas no enfrentamento do desamparo” (Menezes, 2010, p.96) como um duplo destino: destinos criativos (aceitação do desamparo) e destinos funestos (negação do desamparo). Portanto, a subjetividade humana se caracteriza por uma fragilidade estrutural:

Porque os sujeitos são frágeis e mortais é que buscam artifícios para sustentar sua suposta autossuficiência e onipotência, seus ideais fálicos e narcísicos. Desse modo, o *desamparo seria o que instaura o mal-estar (Unbehagen) nas relações entre os seres humanos*. Foi isso o que Freud mostrou em *O mal-estar na civilização* (1930) [...] (Menezes, 2010, p.96)

Porém, a modernidade não proporcionou a superação do mal-estar moderno, resultado do excesso de ordem e da escassez de liberdade. Contrariamente, na sua máxima radicalização, reconfigurou o mal-estar, tendo em vista que o mal-estar contemporâneo é fruto da desregulamentação e do excesso de liberdade individual (privatização), “é fruto do excesso pulsional e da fragilidade de simbolização. Nesse sentido, tem uma marca essencialmente traumática, o que aponta para a vulnerabilidade psíquica do homem contemporâneo” (Menezes, 2005, p.200), assim como destaca a vigorexia como um dos modos atuais de sofrimento como a anorexia, bulimia, pânico, somatizações, adicção, violência, dentre outras formas de sofrimento manifestadas pelos sujeitos indissociáveis das transformações que remodelam o campo social. E, na atualidade, configura-se o sujeito neoliberal (Dardot e Laval, 2016).

Nesta obra de 1930, Freud aponta para três fontes de sofrimento advindas da civilização: a magnitude da natureza com a qual não podemos lidar; a decrepitude do próprio corpo e o relacionamento entre os seres humanos, sendo esta a maior fonte de sofrimento de todas: “a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930/2010, p.29). Habitar a cultura, por si só, já é causa de um mal-estar inerente ao sujeito, do qual não é possível fugir. Freud (1930) aponta que somos seres estruturalmente desamparados e o mal-estar situa-se no campo do incurável. Com isso, os modos de subjetivação se alternam ditando as maneiras com que o sujeito irá lidar com esta condição. A tarefa de evitar o sofrimento leva para segundo plano a conquista do prazer. Os diferentes métodos que os sujeitos utilizam para evitar o desprazer, no entanto, “se diferenciam

conforme a fonte de desprazer a que mais dirigem a atenção.” (p.22). Sob este ponto de vista, podemos pensar a vigorexia como um dos efeitos, em especial, da luta contra a decrepitude do próprio corpo e, portanto, na manutenção eterna do corpo ideal e perfeito a qualquer custo.

Dentre as formas de evitar o sofrimento, Freud (1930) destaca o isolamento voluntário, o aniquilamento das pulsões e a ingestão química, dentre outros. Contudo, independente da técnica escolhida pelo sujeito para tentar se livrar do sofrimento, essa tentativa nunca será concluída com êxito, tendo em vista que a felicidade é um ‘problema de economia da libido’ do sujeito e no exame de suas possibilidades de obtenção, deve ser considerada a relação entre o narcisismo e a libido objetal. De qualquer maneira, o sujeito tenta lidar com sua vida pulsional nos deslocamentos da libido (sublimação das pulsões; ligação com objetos) e na satisfação obtida por meio da fantasia (fruição das obras de arte; no delírio psicótico; e na “fuga para enfermidade neurótica”).

### **3.2 Vigorexia: uma psicopatologia contemporânea?**

Certas formas de sofrimento psíquico podem ser consideradas como *psicopatologias da atualidade*, pois, como esclarece Fuks (1999, p.63), “podem ser interpretadas como expressão do efeito paradoxal das lógicas específicas do consumo e da imagem presentes na contemporaneidade”. Podem ser entendidas como “sobreadaptação” e “fracasso” em relação ao protótipo promovido. As chamadas *psicopatologias contemporâneas*

Integram e expressam em sua sintomatologia os discursos sociais e a trama de significações entrelaçadas ao redor dos ideais que configuram o espírito de sua época. Mas, expressam também o sofrimento daqueles que ficam, em função de uma história singular que envolve acontecimentos, vínculos e instituições frequentemente falidas,

simultaneamente, capturados e discriminados ou excluídos por efeito dessas lógicas sociais alienantes. (Fuks, 1999, p.73)

Para Fuks (2000), do ponto de vista exclusivamente freudiano, as psicopatologias contemporâneas podem ser definidas na sua fenomenologia, como modos de funcionamento ou ‘tipos de personalidade’, “nos quais o determinante são as alterações do eu no campo do narcisismo sem chegar a constituir-se como psicoses ou neuroses narcísicas (melancolia), mas que afetam o sentido e o valor do eu.” (p.204)

As psicopatologias atuais se caracterizam tanto por um caráter epidêmico (como é o caso do pânico e das toxicomanias), quanto por enfatizar em sua determinação o papel hegemônico de produção de subjetividade (Fuks, 1999).

Birman (2020) compactua desta hipótese, ao enfatizar que:

Psicopatologia da pós-modernidade se caracteriza por certas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais é sempre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência que está em pauta. Esta é justamente a questão da atualidade.” (p.180-181).

Neste ponto, é possível tecer uma reflexão sobre uma das questões deste trabalho, já marcada no final da segunda parte deste estudo. A dificuldade em encontrar escritos acerca do tema e a falta de estudos na área, pode se dar, justamente, pelo que Birman (2020) afirma acima. Sabendo que a psicopatologia da atualidade permeia o fracasso do indivíduo em realizar a ‘glorificação do eu e a estetização da existência’, é de se esperar que sujeitos vigoréticos não procurem tratamento trazendo em seu discurso esse sofrimento. O sujeito com vigorexia, ainda que não se dê por satisfeito com o seu corpo, entende e é glorificado pela sociedade por seus resultados, e, principalmente, por sua estética que tem o sentido de sua existência. Assim, não há brechas para compreender este sintoma como algo penoso ao sujeito ao passo que a sociedade pós-moderna o valoriza e estimula.

*"Eu sou muito crítica comigo mesma, meu físico nunca está bom. As meninas falam que tem que estar com o físico Ângela Borges, mas para mim, eu estou tentando melhorar esse padrão ainda"* (Fala de Ângela Borges no documentário "Ângela Borges, uma história de motivação e inspiração".)

É de se esperar que o sofrimento do sujeito apareça com outras conotações, já que é incabível que, na atualidade, alguém busque atendimento psicológico por "estar malhado demais". Além disso, de acordo com os materiais observados, não há indícios de que esses atletas entendam a busca pelo corpo perfeito como um fenômeno que pode ser problematizado. Há, nesse enlace, a certeza de que o corpo perfeito existe, e que será atingido com persistência e foco.

O mal-estar nos dias atuais se evidencia nos registros do corpo e da ação, enquanto a dimensão da linguagem é empobrecida. Nas palavras de Birman (2020):

O mundo e o desejo das pessoas sempre buscam a harmonia possível entre as demandas das pulsões e a efetividade de sua satisfação. Entre natureza e liberdade, o conflito continua a desestabilizar o sujeito, que busca uma harmonia ideal e um equilíbrio possível, para afastar, custe o que custar, o desamparo produzido por esse conflito. Além disso, para dominar o mal-estar social produzido pelo desamparo. (p.155)

Aqui se insere a hipótese deste estudo de que a vigorexia poderia ser considerada uma psicopatologia contemporânea, uma forma de sofrimento psíquico que expressa na sua sintomatologia a complexidade dos modos de subjetivação emergentes. Para corroborar esta hipótese, torna-se essencial compreender as principais características da sociedade contemporânea, os ideais sociais atuais, bem como suas reverberações nos modos de subjetivação, nos sujeitos e nos laços sociais.

### 3.3 Ideais, identificações e laços sociais: Subjetividades emergentes e a vigorexia

Birman (2020) indica que é necessário compreender a diferença entre corpo e organismo. De acordo com o autor, o organismo é estritamente biológico, enquanto o corpo é da ordem do sexual e pulsional. Dessa forma, o corpo se constitui rompendo com a natureza, levando em consideração as relações com o outro. Entende-se, portanto, que o corpo se constitui também nas relações, e será sob o prisma do corpo que trabalharemos nestes escritos.

Em 1930 Freud aponta que beleza, limpeza e ordem eram características essenciais na exigência cultural: os ideais iluministas. Mesmo que ainda os mesmos ideias sejam perseguidos, Birman (2020) menciona que a sociedade pós-moderna<sup>1</sup> pode ser identificada por duas perspectivas: a *cultura do narcisismo*, segundo o inglês Christopher Lasch, e a *sociedade do espetáculo*, de acordo com a interpretação do francês Guy Debord. De acordo com o último, a imposição do espetáculo é o catalisador dos laços sociais e, para Lasch, o mundo encontra-se centrado no eu da individualidade. O sujeito da atualidade está, então, inserido em uma cultura que valoriza a estetização e o culto ao corpo moldado, denominado por Birman como: a estetização da existência.

Em consonância com Birman (2020), o autor Feitosa Filho (2014) aponta que na contemporaneidade há fortes discursos sobre a possibilidade e necessidade em controlar o próprio corpo. Assim, torna-se válida e estimulada a utilização de procedimentos estéticos, cirurgias plásticas, musculação, drogas que modificam o corpo e demais estratégias. Cria-se, então, a noção da possibilidade em remodelar e controlar o próprio corpo. Há uma busca

---

<sup>1</sup> É relevante mencionar que há, no campo da sociologia, uma divergência teórica entre a utilização dos termos *pós-modernidade*, e *modernidade*. Não é nosso intuito adentrar esta problemática. Assim, faremos uso destes vocábulos indiscriminadamente, além das palavras contemporâneo e contemporaneidade que quando utilizados serão para fazer menção ao período atual, marcado pelo advento intenso da Internet e reverberações do capitalismo neoliberal.

incansável pelo corpo idealizado: um corpo com definição muscular, baixo índice de gordura e grande quantidade de massa magra, remetendo à juventude, aspectos que podem ser exemplificados na seguinte fala da fisiculturista Ângela Borges: *“Para construir o corpo que quer precisa ter muita paciência”*.

Por outro lado, existe uma aversão diante de corpos que possuam a aparência enrugada, amolecida ou que demonstre qualquer sinal de envelhecimento. Outro fator importante é que na contemporaneidade impera o discurso afirmando que é essencial, natural e fundamental conhecer e controlar o próprio corpo. Nesse mesmo sentido, são romantizados o foco e a disciplina em cumprir dietas e treinos, criando a fantasia de que é possível ter o corpo que se quiser, desde que se cumpra com essas duas premissas. Em concordância com Birman (2020, p.180), o “cuidado excessivo com o próprio eu se transforma assim em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que aquele realize polimentos fundamentais para alcançar o brilho social”.

Outro ponto que deve ser levado em consideração são as características da sociedade neoliberal. O neoliberalismo contribui fortemente para os modos de subjetivação atuais e, de acordo com Harvey (2005, p. 12), trata-se “das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio”. Neste sentido, o sujeito passa a ser visto como empreendedor de si mesmo, fazendo com que o individualismo se torne uma característica da sociedade atual. Este individualismo se manifesta de maneira intensa, restando para o sujeito na contemporaneidade, o investimento na própria imagem. Desta forma, na intensidade em que o capitalismo avança o individualismo também ganha força, sendo um marco da cultura pós-moderna o exagero estético.

Pensemos no narcisismo. Ele é responsável pelo desenvolvimento do psiquismo humano, não sendo em sua essência patológico. Freud (1914) indica que o narcisismo é marcado por dois momentos: o narcisismo primário e o narcisismo secundário. De acordo com Laplanche (1992), o narcisismo primário intitula um estado precoce em que a criança investe a libido em si mesma. Já o narcisismo secundário trata-se de um retorno ao Eu da libido anteriormente retirada de seus investimentos objetivos.

O narcisismo infantil é essencial no desenvolvimento do sujeito, fazendo com que exista uma função estruturante na formação do Eu. O narcisismo se confunde com o próprio Eu. Neste momento, a criança é investida de todas as qualidades pelos pais, e, desta forma, o narcisismo infantil destes pais passa a ser revivido e projetado no filho. Freud (1923) compreende o narcisismo como um estágio que se localiza entre o autoerotismo e o amor objetal.

Freud aponta que o desenvolvimento do psiquismo envolve a passagem do Eu ideal, em que existe uma tentativa ilusória de completude, para o ideal do Eu, em que se torna necessária a adaptação ao princípio de realidade e o sujeito se depara com a falta constituinte. Diz Freud (1914/2010):

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu (p.40)

O Ideal do Eu tem funções como a auto-observação, a consciência moral, a censura no sono, e a influência crucial no recalque (Freud, 1921/2010, p.52). É uma instância secundária formada a partir do complexo de Édipo (Freud, 1923/2010), por meio de um processo de

gradação diferenciadora do Eu, dando origem ao supereu. Em “O Eu e o Id” (1923), supereu e ideal do Eu são sinônimos. O supereu é uma “modificação do Eu a partir de resíduos das primitivas escolhas objetais do id (renúncia aos desejos edípicos amorosos e hostis) e também uma formação reativa contra elas. Aqui o superego engloba, portanto, as funções de interdição e ideal.” (Menezes, 2006, p.102)

O ideal do Eu faz parte de uma substituição simbólica do narcisismo primário e pode ser entendido como um modelo ao qual o indivíduo tenta se conformar, e como uma imagem idealizada de determinado lugar no qual o Eu se realizaria, encontrando satisfação. O Eu ideal, portanto, corresponderia à idealização da onipotência do Eu, conseqüentemente, ao regime do narcisismo infantil; enquanto que, o Ideal do Eu estaria ligado aos problemas da Lei e da ética, colocando-se diante do Eu como seu ideal. Na construção dos laços sociais é fundamental que o narcisismo seja rearticulado (Freud, 1930).

Em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), Freud mostra a identificação, como o mecanismo que incute o líder (o ideal) em cada ser humano, provocando nele o amor, a veneração e permitindo a passagem do amor ao líder (ideal) ao amor dos outros. Nesse sentido, demonstra a importância e o poder do ideal na constituição do indivíduo e dos grupos. É para discutir a *natureza dos laços no grupo* que Freud introduzirá o conceito de identificação, o qual é trabalhado de maneira integrada à formação do ideal do ego e ao funcionamento dos indivíduos nos grupos e, conseqüentemente, das instituições. (Menezes, 2006, p.100; grifos da autora)

Segundo a autora, a identificação é essencial na teoria freudiana, pois é o mecanismo por meio do qual o sujeito se constitui; desempenha papel princeps na formação do complexo de Édipo e nos seus efeitos estruturais, além de colaborar, a partir da segunda tópica, “na diferenciação em instâncias a partir do id. A personalidade é formada e diferenciada por uma série de identificações.” (Menezes, 2006, p.100; grifos da autora)

Freud (1921/2011) aponta três tipos de identificação: 1) como forma originária de um laço afetivo com o objeto; 2) como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada (a identificação aparece no lugar da escolha de objeto e esta regride para a identificação. A identificação regressiva é perceptível no sintoma histérico, em que a formação do sintoma se dá pela imitação do sintoma da pessoa amada, como por exemplo, é o caso de Dora que imita a tosse do pai.); 3) como forma de identificação por meio do sintoma (a identificação é baseada na possibilidade ou desejo de se colocar na mesma situação da pessoa que está sendo copiada. Não há, portanto, qualquer investimento sexual do outro como na identificação histérica.

A forma de identificação por meio do sintoma é construída sobre um ponto de coincidência entre dois Eus que deve ser mantido recalcado. Freud (1921) esclarece que “nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto.” (2011, p.36). E acrescenta que quanto mais relevante for essa qualidade comum partilhada, maior é a chance de sucesso da identificação, podendo representar o começo de um novo laço. Nesse sentido, esse tipo de identificação fornece referenciais para as identificações imaginárias entre os membros do grupo, assim como reforço narcísico para cada um deles e para o grupo.

Entendemos que na vigorexia está em jogo esse tipo de identificação. No surgimento do fisiculturismo, por exemplo, o atleta Eugen Sandow teve um papel fundamental por intermédio de sua grande influência e reconhecimento de outros atletas da época. Nesse caso, é possível perceber uma identificação da massa com o líder (no caso, Eugen) pelo modelo de corpo e estilo de vida, fazendo com que exista uma identificação horizontal entre os pares, tornando viável a propagação do fisiculturismo e o fortalecimento das competições.

Há uma identificação quando o objeto é integrado ao Eu; portanto, a identificação envolve uma alteração do Eu. Já na substituição, o objeto é posto no lugar do ideal do Eu, conseqüentemente, implica uma conservação do objeto. Freud (1921) mostra que:

De um ponto de vista econômico não se trata de enriquecimento ou empobrecimento, é possível descrever o enamoramento extremo como se o Eu introjetasse o objeto. Uma outra distinção talvez considere melhor o essencial. No caso da identificação o objeto foi perdido ou renunciou-se a ele; então é novamente instaurado no Eu, e este se altera parcialmente conforme o modelo do objeto perdido. No outro caso o objeto foi conservado, e como tal é sobreinvestido por parte e à custa do Eu. (2011, p.41).

No caso da vigorexia, parece estar em jogo o próprio corpo como objeto idealizado.

Os processos de subjetivação se dão entre duas formas de existência da subjetividade: entre os registros do narcisismo (Eu ideal/amor de si) e da alteridade (ideal de Eu, supereu/amor de outro). Por conseguinte, para Freud (1921), os ideais orientam os laços sociais sustentados pelo desejo e pelas identificações. Sob esse prisma a construção dos laços sociais é um efeito da problemática do indivíduo em relação aos ideais e às identificações, em relação aos processos narcísicos e alteritários. O sujeito oscila entre os polos do narcisismo e da alteridade, caracterizando duas formas conflitantes de subjetividade: autocentrada e descentrada, como mostra Birman (2020).

A cultura pós-moderna é marcada pelo grande desenvolvimento no campo da informação, especialmente no que diz respeito a publicidade e ao marketing. Além disso, em 1980 surge a chamada *Geração Saúde*, reforçando a crença de que ser musculoso e forte é sinônimo de ser saudável. Portanto, não se trata mais de aceitar o corpo como ele é, mas sim de fazer ajustes e transformá-lo. Ademais, tudo isso é encoberto pelo discurso manifesto de fazer pela saúde e não pela estética que impera na sociedade atual (Feitosa Filho, 2014). Entendemos que este discurso sustenta a vigorexia nos fisiculturistas. Os ideais sociais atuais não incitam

apenas um corpo magro. O corpo ideal é um corpo moldado, que demanda do sujeito uma construção. Esse ideal ultrapassa os limites da genética, dos exercícios físicos e dos bons hábitos alimentares. Dessa forma, a utilização de recursos estéticos é indispensável, entre eles: procedimentos enzimáticos, cirurgias plásticas, uso de anabolizantes e suplementos diversos.

Com isso, pode-se compreender que o que está externo a esses sujeitos recebe uma função importante na sustentação da própria imagem. O interno que carrega essa imagem mostra indícios de fragilização e a autoestima torna-se muito volátil uma vez que o parâmetro de ideal é depositado quase que exclusivamente no exterior (Wieczorek, 2016). Lembremos que Freud aponta que o amor-próprio está relacionado à libido narcísica: “Tudo o que se tem e o que se alcançou, todo o resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou, ajuda a aumentar o amor próprio” (Freud, 1914/2010, p.45). A seguinte trecho é ilustrativo deste quadro:

*"Uso tudo que tem disponível, se é para me ajudar... por qual motivo não usaria? Mas o principal é alimentação e treino. Se algum atleta falar que não usa nada de recurso anabolizante é mentira, tem que usar para chegar. Existe comparação, se você não usa, é menor, não tem como...".* (Fala de um dos usuários da comunidade Bodybuilding & Fitness Brasil no Facebook)

Na cultura da glorificação do eu e da estetização da existência (Birman, 2020), o sujeito vale pelo que parece ser, diante das cenas que são produzidas e apresentadas na cena social. Assim, a cena social contemporânea propicia escassas possibilidades para experiências de alteridade, levando o sujeito para o polo narcísico, para a subjetividade autocentrada, ficando assim, aprisionado em si mesmo.

Quando a alteridade vai dando espaço para o narcisismo, vão se formando modos hegemônicos de produção de subjetividade. As subjetividades emergentes têm como característica o apagamento da alteridade, na direção de reduzir o sujeito à dimensão da imagem

e, como consequência, “as relações sociais vão sendo regidas pelo imaginário, constituindo-se uma subjetividade em que há o deslocamento da ordem paterna como referencial central”, como mostra Menezes (2005, p.199). Isso gera efeitos nos sujeitos, nas formas de subjetivação, no sentido da fragilização dos laços sociais. A autora enfatiza que o “padecimento do sujeito contemporâneo é efeito das subjetividades que tiveram de tecer laços sociais horizontais, confrontando-se com o desamparo e o mal-estar na relação com o outro.” (p.199). É nesse sentido que compreendemos a vigorexia.

As redes sociais criam expectativas em relação a estética corporal, fazendo com que as pessoas invistam na própria imagem. Dessa forma, modos narcísicos de subjetivação que são baseados na onipotência infantil encontram eco nos modos de subjetivação emergentes. No ideal de beleza, o corpo do atleta de fisiculturismo é o ápice a ser atingido. Ao contrário de outros esportes, no campeonato de fisiculturismo não é levado em consideração a força muscular adquirida pelo atleta, mas sim puramente sua aparência estética e sua encenação no palco:

Estranho espetáculo, entretanto: corpos de homens inchados, artificialmente bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados, alinhados sobre o palco segundo um ritual que lembra os concursos de beleza femininos: mulheres-mutantes, cujo sexo se apaga sobre a capa de músculo. Curiosas posturas, que pensam ressuscitar a estátua clássica, justamente quando o desmedido das anatomias ergue-se como uma injúria à arte do escultor antigo. Insólitas massas musculares, e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculos a movimento. Impressionantes afrontamentos em pesadas coreografias, duelos de imagens sem contato nem violência, puras lutas de aparência. (Courtine, 2005: p.83)

Birman (2020) aponta que na cultura do espetáculo, o que se manifesta para o sujeito é a exigência constante da performance. E, mais uma vez, o ser se confunde com o parecer na

cultura pós-moderna, de modo que o aparecimento do sujeito manifeste a ideia de poder e fascínio:

Nessa *performance*, marcada pelo narcisismo funesto em seus menores detalhes, o que importa é que o eu seja glorificado, em extensão e em intensão. Com isso, o eu se transforma numa majestade permanente, iluminado que é o tempo todo no palco da cena social. (Birman, 2020: p.181)

É possível tecer uma relação entre as citações de Birman (2020) e Courtine (2005). Esta última aponta um espetáculo em que os sujeitos onipotentes, exibem corpos moldados, que buscam fortemente um padrão que é rigidamente avaliado. No mesmo sentido, o primeiro menciona que a cultura pós-moderna é caracterizada por uma eterna performance, denominando cultura do espetáculo. Para tanto, é glorificado o narcisismo e a todo tempo o sujeito busca o palco na cena social, como o palco dos fisiculturistas ilustra a mais clara representação de todas as características que Birman traz em sua teoria sobre a cultura pós-moderna: os campeonatos de fisiculturismo refletem as características dos modos de subjetivação pós-moderno.

Nos documentários assistidos e nas postagens coletadas pelas comunidades de Fisiculturismo no Facebook, é frequente a noção de “*tudo posso*”. Os atletas afirmam que podem conseguir qualquer resultado, unicamente pela sua própria determinação. Isso nos faz pensar no sujeito contemporâneo, o sujeito neoliberal que funciona sob a lógica de ser o empreendedor de si mesmo, imerso na política de extrair do sofrimento mais sofrimento e pautado na performance da glorificação do eu e da estetização da existência, funciona no regime do narcisismo, do eu ideal e da onipotência infantil. (Dunker, 2015; Dardot e Laval, 2016; Birman, 2020). Tais aspectos podem ser ilustrados no trecho abaixo:

*“Com o esporte eu aprendi que eu posso tudo. Na verdade todos podem basta querer e se esforçar. O resultado vem com esforço e abdições... Se eu não tivesse começado 16 anos atrás eu não viveria o que tenho hoje, mas ainda tenho muito a conquistar e*

*sigo caminhando*”. (Publicação de Elisberto na comunidade Bodybuilding & Fitness Brasil no Facebook)

Além disso, é possível notar que esses atletas são atravessados pela repetição em novas competições. Freud (1920), aponta que existe um processo incoercível em que o sujeito se coloca ativamente em situações danosas, repetindo experiências anteriores: a “*compulsão à repetição*”. Os fenômenos que propuseram Freud a compreender que é necessário supor um funcionamento que antecede o princípio do prazer são principalmente aqueles que retomam situações que, mesmo em sua origem, foram desprazerosas.

Freud (1914/2010) mostra como o sujeito passa inconscientemente ao ato expressões do recalcado: “ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz” (p.200). A repetição é uma transferência do passado esquecido. Desse modo, na compulsão a repetir o sujeito substitui o impulso de recordar pelo *acting out*, não somente na relação com o psicanalista, mas “também em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida” (p.201). É a força pulsional que produz a repetição da dor e traduz a impossibilidade de escapar do movimento regressivo, seja seu conteúdo desprazeroso ou não. Trata-se do poder das pulsões de morte que tendem a levar o organismo vivo de volta ao estado inanimado: o objetivo da vida é a morte; o princípio de nirvana é anterior ao princípio do prazer no psiquismo (Freud, 1920,1924). Nesse contexto, é possível pensar que no fisiculturismo a compulsão à repetição está em jogo na tentativa de simbolização e atualização desse sujeito na cena social. Nesse sentido, a cada nova competição, ainda que com todo o sofrimento apontado, o sujeito renova sua existência no ideal que é valorizado pela sociedade, como ilustram as falas abaixo:

*"Quanto melhor tu tá, menos tu sofre para chegar bem no campeonato. Sofre bastante.*

*Durante a preparação pensa em desistir, mas no final do campeonato já procurou a*

*data de um outro campeonato para participar de novo". (Fala de um dos entrevistados no "Documentário Fisiculturismo")*

*"Quando eu entrei no backstage eu queria sumir, sair correndo de lá. Eu só não fiz isso, porque para fazer eu teria que passar na frente de todo mundo. Não consegui fugir, graças à Deus! Quando eu entrei no palco, foi uma sensação tão boa que eu tinha certeza que eu queria fazer isso várias outras vezes. Ganhei o primeiro lugar, e já sai de lá querendo saber qual seria o próximo. No palco eu fiquei feliz, e sabia que queria fazer aquilo outras vezes" (Fala de Ângela Borges no documentário "Como Ângela começou a competir")*

De acordo com Hornstein (2013) e Wieczorek (2016), a infinita metamorfose do corpo, manifestação pela meta impossível mostra a não constituição de um Eu sólido, dando forma a uma identidade vulnerável que procura apoio no externo. É possível encontrar hiatos na história de suas identificações e na constituição da própria imagem desde a ligação com os objetos de identificação. Essa questão pode ser observada nos relatos de atletas de fisiculturismo da comunidade Bodybuilding & Fitness Brasil no Facebook, em que sujeitos apontam vivências de sua infância em conflito com o próprio corpo, situações de bullying e relato de inspiração em personagens musculosos, que mostravam, justamente, o corpo inverso pelo o qual esses sujeitos eram criticados. Um atleta, com 8.75 mil seguidores fez uma postagem na comunidade dizendo: *"As pessoas costumavam rir de mim no ginásio por ser magro. Agora sou eu quem ri de todos"*.

Também é possível perceber o mesmo aspecto na fala de Ângela Borges: *"Querida ser um pouco das meninas que já nasceram assim. Já tinha perna, já tinha bundão... Eu olhava no espelho e não era satisfeita. Tudo que eu colocava ficava parecendo uma linguiça mal enchida. Hoje em dia é bullying, na época os amigos chamavam de palito, sarrafo, esses apelidos... E até a própria família. E eu tinha esses apelidos e eu não era feliz..."*

Diante do exposto, é possível compreender que o sujeito com vigorexia vive em uma eterna busca pela perfeição que, na verdade, nunca será atingida, tendo em vista que existe apenas no seu imaginário. Contudo, entende-se também que as consequências da pós-modernidade, fazem com que esse pensamento seja cada vez mais consolidado como ‘natural’ e o sujeito viva o engodo da perfeição e se submeta a extremos como sacrifício para alcançar determinado resultado, como é visível neste relato de Carla Antunes, no “Documentário Fisiculturismo”: *“Eu nunca acho que eu estou bem, você nunca vai me ouvir dizer que eu estou bem...”*. Esse mesmo elemento aparece na fala de Ângela, no vídeo “Como Ângela começou a competir”, em que a atleta diz: *“Quando estava com 70kg eu olhava no espelho e ainda me achava magra. Então eu desenvolvi essa imagem distorcida da minha imagem, eu achava que eu precisava ficar maior e ganhar mais músculos”*.

### **Considerações finais**

Ao iniciar a pesquisa imaginava que existiria algo além do que realmente era dito pelos atletas de fisiculturismo. Este “algo além”, foi o principal motor da pesquisa e, durante todo o processo de escrita, precisei me manter objetiva diante das múltiplas possibilidades de estudo que este tema aborda. Desse modo, o foco foi investigar como referenciais psicanalíticos podem colaborar na compreensão da vigorexia, procurando articular às formas de mal-estar contemporâneo.

Um ponto primordial na pesquisa foi a introdução da vigorexia junto ao fisiculturismo. Durante as primeiras leituras, o fisiculturismo aparecia na literatura associado à vigorexia, fazendo, então, com que a vigorexia se tornasse um assunto relevante neste estudo. No entanto, vou ao encontro do pensamento de Feitosa Filho (2008), e ressalto que não é possível afirmar que todos os fisiculturistas possuem vigorexia, mas encontramos com mais facilidade este

fenômeno entre os praticantes, tendo em vista o estilo de vida e as grandes restrições, que no contexto do mal-estar atual, decorrente “da *desregulamentação* e do *excesso de liberdade individual* (privatização)” (Menezes, 2005), cria condições de possibilidade para a formação deste sintoma.

A partir de uma análise psicanalítica, foi possível compreender a vigorexia como uma *psicopatologia contemporânea*, uma forma de sofrimento psíquico que expressa na sua sintomatologia a complexidade dos modos de subjetivação emergentes, efeitos do mal-estar relativo ao excesso pulsional e a fragilidade de simbolização, que traz, portanto, uma marca essencialmente traumática. Estes tipos de quadros são marcados por determinadas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais predomina o fracasso do indivíduo em realizar a “glorificação do eu” e a “estetização da existência” (Birman, 2020), valores soberanos dos ideais culturais atuais, caracterizando uma cena social que disponibiliza poucas perspectivas para experiências de alteridade.

Na vigorexia toda a libido fica detida no Eu em busca da completude e perfeição, não havendo espaço para uma distribuição de libido nos interesses destes indivíduos. Em consequência da libido detida no Eu, a pulsão de morte opera em um circuito intenso de repetição, na tentativa do psiquismo de subjetivar as pulsões. E são, justamente nessas repetições, que os sujeitos expõem seus corpos aos extremos a cada nova preparação pré-competição. Na cultura do espetáculo, o que se manifesta para o sujeito é a exigência constante da performance (Birman, 2020), que pode ser ilustrada nos campeonatos de fisiculturismo, uma vez que as avaliações giram em torno de dois parâmetros principais: a estética corporal e a performance teatral no palco. Em última instância, as formações de sintomas são uma forma que o sujeito encontra de se organizar no grupo (Menezes, 2006); é deste ponto de vista que compreendemos a vigorexia.

Hornstein (2013) aponta que no trabalho com vigoréticos é demandado ao analista uma potencialidade simbolizante, na intenção de participar da produção de elementos que nunca foram simbolizados por aquele psiquismo. Portanto, existe maior necessidade de construção do que desvelamento de um conflito que está posto, por meio da interpretação.

Ao final da pesquisa foi possível perceber *uma lógica de consumo do próprio corpo*. O corpo dos atletas passa a ter, não somente um valor simbólico na sociedade, mas também um valor comercial, mercadológico. Apesar de o esporte não ser remunerado, os fisiculturistas mais aclamados socialmente são convidados por marcas de suplementos, academias e até mesmo anabolizantes para cederem suas imagens em prol de publicidades. Neste sentido, revela-se a lógica neoliberal, em que até mesmo o próprio corpo pode ser visto e vendido como mercadoria, reforçando a ideia do “sujeito empreendedor de si”, bem como do consumo. Os ideais do consumismo levam a uma forma momentânea de obtenção de prazer, que findada, novamente será incitada pelo consumo exagerado, seja nas campanhas publicitárias seja no aprimoramento da satisfação com aquilo que já foi adquirido (Luz, 2021). Tais aspectos abrem perspectivas para novos estudos na direção de articular fisiculturismo e consumismo, já que parece estar em jogo o consumo em excesso: “O corpo, enquanto um local de investimento pulsional, também implica que ele possa ser consumido como objeto de desejo no reconhecimento entre os seus pares.” (p.50)

## Referências

- American Psychiatric Association - APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- Assunção, S. S. M. (2002). *Dismorfia muscular*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.24, n.3.
- Bei Facebook anmelden. (n.d.).  
Facebook. <https://www.facebook.com/groups/714236708774965>
- Birman, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise* São Paulo, SP: Ed. 34.
- Birman, J. (2020). *Mal-estar na atualidade* (15ª ed.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 2000)
- Courtine, J. (2005). *Os Stakhanovistas do narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade: 81-114.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. (M. Echalar, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Dicio, *Dicionário Online de Português*. (n.d.). Dicio. <https://www.dicio.com.br/>

- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo
- Feitosa Filho, O. A (2008). *Vigorexia: uma leitura psicanalítica*. 2008. 150f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Feitosa Filho, O. A. (2014). *Um Olhar Psicanalítico sobre a Vigorexia*. *Revista Subjetividades*, 14 (1) 162-171
- Freud, S. (1914-1916). *Introdução ao narcisismo* Tradução de Paulo César de Souza. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. In S. Freud, *Obras Completas*, v.12. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.
- Freud, S. (1916-1917). *Conferência 17 O sentido dos sintomas*. In Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (196-1917). Tradução de Paulo César de Souza. In S. Freud, *Obras Completas*, v.13 (pp. 343-363). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1921). *Psicologia das massas e análise do ego*. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. In S. Freud, *Obras Completas*, v.15 (pp.3-113). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1923). *Sigmund Freud Obras Completas: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (2010)*. Tradução: Paulo César de Souza. In S. Freud, *Obras Completas*, v.16. São Paulo: Companhia das Letras: 2011. v. 16.

- Freud, S. (1923a) *Psicanálise e teoria da libido*. Tradução: Paulo César de Souza. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* In S. Freud, *Obras Completas*, v. 15 (p. 273-308). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In *O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. In S. Freud, *Obras Completas*, v. 16. (p. 184-201). São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- Freud, S. (1926). *Psicanálise*. Tradução: Paulo César de Souza. In *Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos. (1926-1929)* In S. Freud, *Obras Completas*, v. 17 (p.311-321). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1926a). *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial*. Tradução: Paulo César de Souza. In *Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos. (1926-1929)* In S. Freud, *Obras Completas*, v. 17 (p.124-17). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. Tradução: Paulo César de Souza. In *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)*. In S. Freud, *Obras Completas*, v. 18 (p. 9-89). São Paulo: Companhia das Letras.
- Fuks, M.P (1999). *Mal-estar na contemporaneidade e patologias decorrentes*. *Psicanálise e Universidade*. São Paulo, n.9 e 10, p.63-78, jul/dez 1998 e jan/jun.

Fuks, M.P. (2000) *Questões teóricas nas psicopatologias contemporâneas. A clínica conta histórias*. São Paulo.

Gabriela Fiorio. (2018, 24 de julho). *Documentário Fisiculturismo* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=WxHrWltU2TA>

Harvey, D. (2005). *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.

Herrmann, L. *Introdução à teoria dos campos: conceitos metodológicos*. In Barone, L. M. C. (Org.). *A Psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p.33-39.

Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas del psicoanálisis: subjetividade y vida cotidiana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Agora*, 6(1), 115-138

Laplanche, J. (1992) *Novos fundamentos para psicanálise*. São Paulo, SP: Martins fontes

Luz, I. C. (2021). *Algumas considerações sobre o consumismo e suas relações com o mal-estar contemporâneo e o desamparo* (Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil).

Max Titanium. (2018, 16 de Outubro). *ANGELA BORGES antes da MUSCULAÇÃO: o início da HISTÓRIA* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ukJC36Dj9GQ>

Max Titanium. (2018b, 17 de outubro). *Como a Angela Borges começou a competir* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=8CYI37ULWbs>

Max Titanium. (2018c, 18 de outubro). *ANGELA BORGES, uma história de MOTIVAÇÃO e INSPIRAÇÃO* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=wgujQ1xT8Ys>

Medeiros, A. C. (2011). O ideal de beleza na escultura grega: reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega. *A Principia*, 23, Artigo 2358-7326.

Menezes, L. S (2005). de Pânico e desamparo na atualidade. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. VIII n. 193-206.

Menezes, L. S. de (2006) “*Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*”. São Paulo: Casa do Psicólogo / FAPESP.

Menezes, L. S. (2010). *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: SP, Brasil.

Menezes, L. S. (2012) *Desamparo*. (2a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rosa, M. D. (2004) A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal estar e subjetividade* (vol.4), p.329-48.

Rosa, M. D. e Domingues, E. (2010) O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 180-188.

Schwarzenegger, A (2002). *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed.

Wieczorek, Rodrigo Traple. (2016). Da academia para o divã: reflexões sobre o narcisismo. *Aletheia*, 49(2), 20-29.

Schwarzenegger, A (2002). *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed.